

O uso de oficinas e da arteterapia no atendimento de mulheres em situação de violência

Autores:

Gabriela Arcuschin de Oliveira

Psicóloga, mestranda do Curso de Ciência, Tecnologia e Gestão Aplicadas à Regeneração Tecidual da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp

Eduardo Fraga de Almeida Prado

Professor Doutor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo

Renato Santos de Oliveira Filho

Professor da Unifesp; Coordenador do Curso de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Gestão Aplicadas à Regeneração Tecidual da Unifesp

Denise Nicodemo

Professora doutora do Curso de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Gestão Aplicadas à Regeneração Tecidual da Unifesp e do Instituto de Ciência e Tecnologia - ICT Campus de São José dos Campos - Unesp

Linda Omar Bernardes de Alvarenga

Professora Orientadora do Curso de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Gestão Aplicadas à Regeneração Tecidual da Unifesp

DOI: 10.58203/Licuri.21401

Como citar este capítulo:

OLIVEIRA, Gabriela Arcuschin *et al.* O uso de oficinas e da arteterapia no atendimento de mulheres em situação de violência. In: SILVA, Maria José das Neves (Org.).

Abordagens integrativas em Saúde: explorando dimensões físicas e emocionais. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 1-12.

ISBN: 978-65-85562-14-0

Resumo

A violência contra a mulher ainda é muito presente atualmente. Por isso faz-se necessária a instauração de práticas eficazes de cuidado com esta população. Dentre estas, é possível considerar a arteterapia como uma intervenção que oferece recursos artísticos para facilitar a expressão e comunicação dos afetos. Diante deste cenário foi realizado um estudo exploratório sobre o uso de oficinas e da arteterapia no atendimento a mulheres em situação de violência. Trata-se de pesquisa qualitativa e exploratória, com observação participante em 5 (cinco) oficinas em Centros de Referência no atendimento a mulheres em situação de violência e vulnerabilidade em São Paulo. Foram coletadas informações em 5 (cinco) entrevistas semiestruturadas. Os dados foram categorizados em: (1) motivação, interesse e experiências no trabalho com mulheres em situação de violência; (2) recursos e técnicas utilizadas nas oficinas, (3) percepção da população atendida; (4) efeitos observados e (5) propósito da oficina. Identificaram-se aspectos positivos do uso de oficinas no atendimento a mulheres em situação de violência. O fazer artístico mostrou-se facilitador do processo de resgate da subjetividade. A atividade artística possivelmente auxiliou na recuperação da espontaneidade, criatividade e autoestima, que a situação de violência possa ter prejudicado. A partir do compartilhamento de vivências entre as participantes das oficinas, pode-se pensar na emergência de conflitos conscientes e inconscientes através das atividades propostas. Verificou-se que esta modalidade terapêutica pode trazer benefícios para a população em situação de violência e vulnerabilidade, propiciando de forma não invasiva, um espaço para acolhimento e elaboração dos afetos.

Palavras-chave: Psicologia. Arte. Subjetividade.

INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra a mulher é muito comum maioria das sociedades, ainda marcadas por uma cultura patriarcal. Mas, apesar de ser uma temática relevante, estudos sobre as possíveis formas de atuação terapêutica junto a essa população ainda não são muito frequentes; por isso, pensou-se no estudo de uma atividade que tivesse a possibilidade de desenvolver o empoderamento da mulher, no caso, a arteterapia.

Com base nas discussões e revisão realizada por SERPA (2010), uma vez que as maiores vítimas de violência doméstica são as mulheres, sendo os homens a maior parte dos agressores, é necessário que a reflexão se estenda às concepções de gênero, que determinam a forma de relacionamento entre homens e mulheres, na qual a mulher ocupa ainda um papel de subordinação, mantida por uma sociedade pautada em valores patriarcais. As relações conjugais estão ligadas a uma instituição familiar constituída pela lógica do patriarcado, a qual, segundo Silva (2012), se manifesta na afirmação do homem enquanto categoria social superior, lhe garantindo poder sobre a mulher. Tal poder se revela nos impedimentos colocados a essas mulheres, como o desenvolvimento de relações saudáveis com amigos e familiares, um convívio afetivo adequado com os filhos e segurança econômica que garanta a dignidade (SERPA, 2010).

Historicamente, a cultura patriarcal impôs uma lógica de dominação e opressão ao feminino. Segundo Narvaz e Koller (apud SERPA, 2010), antigamente o papel das mulheres restringia-se exclusivamente ao âmbito doméstico, e mesmo assim, o pai era a figura de poder nesse espaço. O homem tinha a responsabilidade de sustentar a família e a mulher, por depender economicamente do homem, tinha justificada sua subjugação (DANTAS-BERGER, GIFFIN apud SERPA, 2010).

Diante da violência doméstica, a experiência social das mulheres está integralmente condicionada por sua posição referida ao gênero. Mesmo estando ligado às diferenças biológicas entre homens e mulheres, o termo gênero é uma construção cultural do que pode ser chamado de masculino e feminino. De acordo com a expectativa cultural existente em relação a cada sexo, define-se gênero como um sistema de distinção social norteado pelas diferenças entre ambos (SERPA, 2010).

A utilização da arteterapia, bem como a bibliografia específica da área, tem crescido consideravelmente no Brasil nas últimas décadas, sendo considerada uma estratégia de intervenção terapêutica que visa promover a qualidade de vida ao ser

humano por meio de utilização de recursos artísticos (SEI, 2009). O homem utiliza a arte desde o tempo das cavernas, mas, como base para terapia, vem sendo pesquisada e aplicada desde o século XIX. O uso de recursos artísticos com propósitos terapêuticos começou a ser incentivado nas décadas de 1840 e 1870, pelo médico alemão Johann Christian Reil, contemporâneo de Pinel (SEI, 2009).

Reil estabeleceu um protocolo terapêutico, com o objetivo de cura psiquiátrica, onde incluiu o uso de desenhos, sons e textos para o estabelecimento de uma comunicação com conteúdos internos (SEI, 2009). Outros psiquiatras e alienistas europeus como Auguste Abroise Tordieu, Lyttelton Stewart Forbes Winslow e o americano Pliny Earle também pensaram na interlocução da saúde mental com o fazer artístico (CATERINA, 2005; ANDRIOLO, 2006 *apud* SEI, 2009).

No início do século XX, Sigmund Freud analisou obras de artistas como Leonardo da Vinci e Michelangelo, postulando que o inconsciente se manifesta através de imagens, que transmitem significados mais diretamente do que as palavras. Observou que o artista pode simbolizar concretamente o inconsciente na sua produção, retratando conteúdos do psiquismo. A ideia freudiana de que o inconsciente se expressa por imagens, tais como as originadas no sonho, levou à compreensão das representações criadas na arte como uma via de acesso privilegiada ao inconsciente, pois elas escapariam mais facilmente da censura do que as palavras. Além disso, para o autor, o fazer artístico caracteriza-se como uma das maneiras de sublimação das pulsões. Apesar desse achado, Freud não chegou a utilizar-se da técnica artística em sua prática clínica (SEI, 2009).

Carl Gustav Jung, pai da Psicologia Analítica, foi quem propriamente começou a utilizar a linguagem artística associada à psicoterapia, na forma de atividade criativa e integradora da personalidade. Diferentemente de Freud, que considerava a arte uma forma de sublimação das pulsões, Jung via na criatividade artística uma função psíquica natural e estruturante, cuja capacidade de cura estava em dar forma e transformar conteúdos inconscientes em imagens simbólicas (REIS, 2014).

Partindo dessas duas vertentes teóricas, o uso da arte como instrumento terapêutico foi progressivamente ganhando espaço. A psicóloga norte-americana Margaret Naumburg pode ser considerada a “mãe” da arteterapia, pois foi a primeira a sistematizá-la, em 1941. Empregou a técnica em seu consultório, seguindo os princípios da psicanálise, denominando seu trabalho como “Arteterapia de Orientação Dinâmica”. Nessa perspectiva, as técnicas de arteterapia visam facilitar a projeção de conflitos inconscientes em representações pictóricas, sendo esse material submetido à

interpretação, seguindo o modelo teórico proposto por Freud. Naumburg colocou que na arteterapia psicanalítica reconhece-se que os indivíduos possuem a capacidade de projetar, nas formas visuais, seus conflitos internos (COQUEIRO, VIEIRA e FREITAS, 2010).

Já no Brasil, os precursores da arteterapia são os psiquiatras Ulysses Pernambucano, Osório Cesar e Nise da Silveira, os quais trabalharam com a arte junto a pacientes em instituições de saúde mental (REIS, 2014).

Osório Cesar iniciou sua prática e pesquisas no Hospital do Juquery, em Franco da Rocha (SP), em 1923, com a “Oficina de Pintura”, e criou a “Escola Livre de Artes Plásticas” em 1948, realizando a primeira exposição de arte do Hospital do Juquery no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Cesar acreditava que o fazer da arte já propicia a cura por si, e que a arteterapia funcionava como veículo de acesso ao conhecimento interior (REIS, 2014).

Nise da Silveira, por sua vez, desenvolveu seu trabalho, a partir da psicologia analítica de Jung, no Hospital Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, fundando o Museu de Imagens do Inconsciente em 1952 e a Casa das Palmeiras em 1956. Silveira expôs que nesse caminho alternativo construiu-se um tratamento mais humano, com inegáveis efeitos terapêuticos na reabilitação dos pacientes (REIS, 2014).

Ambos contribuíram para o desenvolvimento de uma outra abordagem frente à comorbidades psiquiátricas, contrapondo aos métodos agressivos de contenção vigentes na época, dando a possibilidade de expressão da loucura e de sua eventual cura através da arte (REIS, 2014).

Os recursos utilizados vão desde as artes plásticas, tais como pintura, colagem, desenho e modelagem, até a dança, música e teatro, optando-se, nesta pesquisa, pelas artes plásticas, pois não seria possível abranger todas as modalidades. A arte é um poderoso canal de expressão da subjetividade humana, que permite ao psicólogo acessar conteúdos emocionais do cliente e retrabalhá-los através da atividade artística (REIS, 2014).

A prática da arteterapia pode ser baseada em diferentes abordagens teóricas, como a Psicanálise, a Psicologia Analítica e a Gestalt-terapia, dentre outras teorias advindas especialmente do campo da psicologia, ciência que considera fundamental a compreensão do arteterapeuta acerca do ser humano. Desta forma, os conceitos em arteterapia diferenciam-se amplamente conforme a abordagem seguida pelo arteterapeuta (REIS, 2014).

A relevância social deste trabalho consiste na baixa produção de estudos a respeito das intervenções terapêuticas com essa população, o que resulta na importância de sintetizar-se uma abordagem interventiva alternativa para a população estudada. Sendo assim, objetivou-se realizar um estudo exploratório sobre o uso de oficinas e da arteterapia no atendimento com mulheres em situação de violência.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória. Os instrumentos utilizados foram a observação participativa de oficinas em centros de referência para mulheres em situação de violência na cidade de São Paulo, cinco entrevistas semiestruturadas para profissionais que trabalham na temática e três para mulheres participantes das oficinas. Após a anuência da comissão de ética da Universidade Presbiteriana Mackenzie para a realização da pesquisa, foi feito o contato com instituições e profissionais que trabalham com arteterapia para mulheres em situação de violência. Após a explanação dos objetivos do estudo, a anuência da participação da pesquisa, e os devidos termos de consentimento livre e esclarecido assinados, foi iniciada a coleta de dados constituída de observação de oficinas de arteterapia, e entrevistas comicineiras e mulheres participantes das oficinas. As entrevistas gravadas foram transcritas e a análise dos dados coletados foi realizada a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977).

Este estudo ofereceu um risco mínimo aos participantes, visto que não houve abordagem de temáticas delicadas e a própria oficina de arteterapia tem por objetivo auxiliar o indivíduo no processo de autoconsciência, trazendo benefícios para sua vida e percepção do mundo. Os possíveis riscos foram expostos na Carta de Informação ao Sujeito e ao Responsável pela Instituição, ambas contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A não identificação das participantes, assim como das instituições foi garantida, resguardando também o direito de retirar a participação da pesquisa a qualquer momento de sua realização. Foi oferecido o contato do plantão do Centro de Referência de Estudo de Violência e Vulnerabilidade- Mackenzie, em caso de identificação de algum sofrimento em alguma participante. A escolha de sujeitos em acompanhamento em instituições de apoio a mulher em situação de violência foi uma medida de proteção aos participantes já que muitas vezes recebem atendimento psicossocial e jurídico nestes locais. Este estudo traz benefício para a sociedade visto que este tema é escasso na literatura e é de extrema importância sistematizar um conhecimento prático.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao total foram realizadas 8 entrevistas semiestruturadas, sendo 5 com profissionais que trabalham com a população estudada, e 3 com participantes das oficinas. Foram observadas também 5 oficinas de arteterapia.

Nos equipamentos que realizam atendimento para mulheres em situação de vulnerabilidade e violência na cidade de São Paulo não existe uma prática instaurada de arteterapia. Porém, são muito frequentes cursos e oficinas de artesanato e arte em tecido voltados também para a autonomia e geração de renda da mulher. Essas oficinas acabam tornando-se terapêuticas à medida em que o grupo partilha suas angústias e sentimentos durante o processo. Nas instituições observadas neste estudo existem oficinas e *workshops* de pintura em tela e em pano de prato, *patch-work*, releitura de obras de arte em tecido, fuxico, tear, crochet, tricot, costura, bijouteria, confecção de bonecas, panificação e confeitaria.

Após o recorte do material coletado em unidades comparáveis e com o mesmo conteúdo semântico, foram estabelecidas as seguintes categorias para a interpretação:

Motivação, interesse e experiências no trabalho com mulheres em situação de violência

No que se refere à experiência profissional, as entrevistadas as descrevem de maneira positiva, como aicineira 5 que disse ter deixado seu antigo emprego, há 17 anos, e se dedicar ao projeto ao qual pertence até hoje *“(...) foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida, porque eu fico essas horas com elas, eu falo, pergunto, trocamos ideias, e isso é muito bom para mim.”* A segunda entrevistada relatou que escolheu trabalhar com arteterapia pois vê resultado. Foi também possível observar esta questão nas falas de outras entrevistadas que mencionam um ganho para si também: *“(...) então eu me sinto muito a vontade de estar trabalhando com elas o que me anima é isso, que a gente vai conversar, trocar experiências, vai aprender outras coisas, e a gente ensina e aprende (...)”* (O3), e *“Está sendo bom para mim, um aprendizado muito grande, porque a gente vive num mundinho né, e de repente você vai vendo que tem muito além daquilo, está sendo bom, tenho aprendido.”* (O1). Este aprendizado mencionado pelas entrevistadas provém do relacionamento das mesmas com as mulheres que participam das oficinas. Ao partilhar diferentes pontos de vista e histórias de vida, elas descobrem outras maneiras

de realizar a atividade proposta e abrem-se para novas possibilidades. Além do aprendizado, houve também uma melhora significativa na vida daicineira 4, que relatou que a partir da conversa com outras mulheres, conseguiu se abrir e resolver algumas questões pessoais, e isto a motivou a continuar seu trabalho.

Segundo Reisin (2006), o arteterapeuta deve ser um profissional que está atento ao que acontece no grupo, observando sempre questões que emergem, sendo assim empático e dinâmico. Em outras palavras, o arteterapeuta deve estar disponível, para que possa conter possíveis angústias levantadas no grupo. Apesar da oficina não ser de arteterapia, asicineiras relataram aspectos que são valorizados no desenvolvimento de atividades em um ateliê arteterapêutico como o compartilhamento de ideais e o autoconhecimento. Apesar das adversidades encontradas durante a atividade, elas têm conseguido cada vez mais atender as demandas das mulheres

Recursos e técnicas utilizadas nas oficinas

Com exceção de uma instituição (3), a qual a oficina observada foi de panificação, as outras adotaram o corte e costura como ferramenta de trabalho. Na instituição 1 foi observada uma oficina de *patchwork*, na 2 de confecção de bonecas Abayomi, na 4 de fuxico e na 5 de releitura de obras de arte em tecido.

Aicineira 3 relatou que planeja suas atividades de acordo com o material que a instituição pode fornecer, e que o seu propósito além da geração de renda é o de fortalecimento da autoestima, autoafirmação e conhecimento sobre questões da história afro-brasileira.

A entrevistada 2 contou que escolhe determinada técnica de acordo com o que observa no sujeito. Se por exemplo percebe que a usuária está muito “fechada, racional e controladora” (sic), utiliza recursos com água, barro ou aquarela. Segundo seu relato, a aquarela devido a sua leveza mobiliza o lado afetivo do sujeito, e o barro desperta emoções e sentimentos primitivos. De acordo com Bozza (2001) e Jang e Chol (2012 apud MORAIS, 2014) o efeito da modelagem da argila atua nas sensações físicas e viscerais, e o contato com o barro poder ser prazeroso ou não, pois a argila age como transformadora de um estado de confusão para o equilíbrio, podendo trazer à tona conflitos internos indesejáveis. Porém, estes conflitos quando reconhecidos podem ser trabalhados. Por ser moldável, a criação com o barro integra o ser com o mundo exterior, libertando tensões

e propiciando ao sujeito adaptar-se a situações desfavoráveis, exigindo canalização de energia para o processo criativo.

De acordo com Bozza (2001) e Jang e Chol (2012 apud MORAIS, 2014) o efeito da modelagem da argila atua nas sensações físicas e viscerais, e o contato com o barro poder ser prazeroso ou não, pois a argila age como transformadora de um estado de confusão para o equilíbrio, podendo trazer à tona conflitos internos indesejáveis. Porém, estes conflitos quando reconhecidos podem ser trabalhados. Por ser moldável, a criação com o barro integra o ser com o mundo exterior, libertando tensões e propiciando ao sujeito adaptar-se a situações desfavoráveis, exigindo canalização de energia para o processo criativo. O barro é um material vivo e de efeito calmante, quando bem direcionado, promove crescimentos internos significativos, favorecendo libertação de conflitos emocionais, além de estimular o sujeito em construções de novas formas de vida. O trabalho com argila provoca o encontro do indivíduo com o seu ser mais profundo (TEIXEIRA, 2006 e MEJÍA, 2012 apud MORAIS, 2014).

Percepção da população atendida

Segundo Reis (2014), a arte se revela como um meio de objetivação da subjetividade. O produto da criação artística é sempre um espelho que reflete e retrata de modo mais ou menos distorcido aquele que o criou, pois nele ganham forma seus desejos, emoções, sentimentos e ideias.

Entretanto, a função terapêutica do fazer artístico apenas se inicia com essa autodescoberta, aprofundando-se à medida que, na atividade criadora, o sujeito também se redescobre em novas formas, podendo reinventar-se como outro. A oficinaira 2, em seu discurso, relatou que as mulheres que estão em situação de violência quando vêm para a terapia encontram-se muito fragilizadas, sendo muito difícil a verbalização da dor. Através da arte elas podem entrar em contato com seu sofrimento de uma maneira mais sutil. A seguinte fala expressa isto: *“(...) quando a pessoa vem para fazer a arte, ela não vem para falar da violência que ela sofre, mas quando ela começa a entrar em contato com as coisas que ela produz, ela entra em contato com a sua interioridade, e essa é a parte mais linda, é a redescoberta das potencialidades que habitam nela, na alma dela. É o momento em que a pessoa lembra que ela foi uma pessoa, uma jovem que tinha sonhos (...)”* (O2).

A entrevistada ressalta ainda que *“quanto mais frágil a pessoa teve uma história de vida, quanto mais carente, quanto mais ela não se sentiu aceita, mais ela vai dar pro outro, ela faz tudo pro outro para ser aceita. E aí ela acaba aceitando qualquer coisa, porque quem sempre foi atendido nas suas necessidades, quem tem uma autoimagem positiva, eu sempre ouvi minha mãe e meu pai falarem que eu era muito bacana, que eu merecia as coisas (...) ela não vai deixar o outro maltratar ela.”* (O2). Desta fala pode-se aferir que a partir da vivência do sujeito com o mundo durante a vida, este pode ter diferentes graus de autoestima, influenciando suas escolhas.

Efeitos observados da oficina

No que se refere às repercussões das oficinas nas usuárias, aicineira 1 relatou que percebe que as mulheres *“vão ficando mais leves”* (sic), pois começam a se abrir umas com as outras, *“(...) desfazendo o nó que estava ali né, aquela amargura foi melhorando.”*

Na atualidade, faz-se necessária a possibilidade de expressão dos sentimentos, desejos, necessidades, medos e de se ser escutado por interlocutores disponíveis, encontrando reconhecimento e respostas às demandas. Durante as oficinas as mulheres podem compartilhar a dor e o sofrimento com alguém que passou ou está passando por algo semelhante, ocorrendo processos identificatórios entre as usuárias.

As oficinas observadas se propõem a permitir que as mulheres entrem em contato com seus sofrimentos, partilhando vivências. O respeito pelo indivíduo atendido é essencial, além de um intenso trabalho de escuta, observação, compreensão e elaboração pelo arteterapeuta, sujeito e grupo. (VERDEAU-PAILLÈS, 2003, apud SEI, 2005).

Já a icineira 2 acredita que devido ao fato da atividade ser lúdica, as mulheres acabam não percebendo que *“estão entrando muito mais profundamente”* (sic) em contato com suas questões, do que se estivessem apenas na terapia verbal. Acrescentou que este é o efeito *“encantador e maravilhoso”* (sic) da arteterapia.

Propósito da oficina

A icineira 1 expôs que o trabalho com a mulher em situação de violência deve proporcionar que ela aprenda a *“se defender, a se proteger”*, enquanto a entrevistada 2 acredita que o objetivo das oficinas é auxiliar na descoberta do *“âmago da questão da*

identidade dela, quem que é ela para ela.” Acrescenta que “(...) é bonito ver quando a pessoa desperta para o fato de que ela pode criar as próprias histórias, que ela pode se tornar a protagonista da vida dela.” (O2). Isto pode vir a ocorrer desde que o sujeito tenha um ambiente que também propicie condições para o processo de descobrimento do eu. O objetivo do trabalho exposto pelaicineira 1 pode ser compreendido pautado exclusivamente no indivíduo. Em outras palavras, isto significa que pode ocorrer assim a vitimização da mulher, culpabilizando-a pela situação a qual está inserida e não responsabilizando-a. Já aicineira 2 acredita que a partir do autodescobrimento da identidade da mulher, esta pode vir a entender melhor as razões de estar vivendo em um contexto desfavorável, podendo vir a repensar sua vida.

No que se refere às repercussões das oficinas nas usuárias, aicineira 1 relatou que percebe que as mulheres “vão ficando mais leves” (sic), pois começam a se abrir umas com as outras, “(...) desfazendo o nó que estava ali né, aquela amargura foi melhorando.”

Na atualidade, faz-se necessária a possibilidade de expressão dos sentimentos, desejos, necessidades, medos e também de se ser escutado por interlocutores disponíveis, encontrando reconhecimento e respostas às demandas. Durante as oficinas as mulheres podem compartilhar a dor e o sofrimento com alguém que passou ou está passando por algo semelhante, ocorrendo processos identificatórios entre as usuárias.

As oficinas observadas se propõem a permitir que as mulheres entrem em contato com seus sofrimentos, partilhando vivências. O respeito pelo indivíduo atendido é essencial, além de um intenso trabalho de escuta, observação, compreensão e elaboração pelo arteterapeuta, sujeito e grupo. (VERDEAU-PAILLÈS, 2003, apud SEI, 2005).

Na atividade artística, o sujeito encontra uma possibilidade concreta de expressar não só aquilo que ele é, mas também o que ainda pode vir a ser, a partir daí, reconstruindo-se na vida, a partir de um novo olhar sobre si mesmo e sobre o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi possível encontrar instituições nas quais houvesse a arteterapia, portanto optou-se por observar e estudar as vivências de oficinas que se utilizam de arte e os possíveis benefícios para a vida das usuárias. Observou-se semelhanças do ateliê arteterapêutico com o ambiente das oficinas. A mulher que passou por eventos traumáticos talvez não consiga representar verbalmente as infinitas sutilezas que podem ser expressas a partir do lúdico, do fazer artístico. Esta técnica terapêutica é uma

importante aliada no atendimento a indivíduos vulneráveis, pois as terapias verbais podem se tornar muito desgastantes e até invasivas, na medida em que o sujeito se encontra fragilizado.

A arteterapia se constitui como algo mais flexível e que permite a captação da riqueza do mundo emocional e relacional do indivíduo, tornando-se um caminho promissor no cuidado com populações em situação de violência e vulnerabilidade. Esta modalidade de intervenção traz benefícios para o sujeito, ao propiciar o contato e posterior elaboração de conteúdos traumáticos diretamente relacionados à situação de violência.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos; FREITAS, Marta Maria Costa. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. *Acta paul. enferm.*, v. 23, n. 6, p. 859-862, 2010.

MORAIS, Aquiléia Helena et al. Significado da arteterapia com argila para os pacientes psiquiátricos num hospital de dia. *Invest. educ. enferm.*, v. 32, n. 1, p. 128-138, 2014.

REIS, Alice Casanova. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. *Psicol. cienc. prof.*, v. 34, n. 1, p. 142-157, 2014.

REISIN, Alejandro. *Arteterapia: semânticas e morfologias*. São Paulo: Vetor, 2006.

SEI, Maíra Bonafé. Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento à violência familiar. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2009.

SEI, Maíra Bonafé; PEREIRA, Luísa Angélica Vasconcellos. Grupo arteterapêutico com crianças: reflexões. *Rev. SPAGESP*, v. 6, n. 1, p. 39-47, 2005.

SERPA, Monise Gomes. Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas. **Psicologia & Sociedade**, n.22, v.1, p.14-22, 2010.

SILVA, Delphine Brownlee. Bezerra. Relações de gênero na sociedade contemporânea e o debate da desigualdade social, frente às políticas públicas. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012, p.15-37.